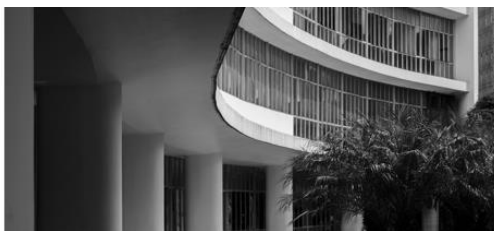


5º Seminário Ibero-americano

ARQUITETURA e DOCUMENTAÇÃO

Belo Horizonte – 24 a 26 de outubro de 2017



O MURAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO: conservação e documentação

ZANINHO, JOYCE (1); VALFRÉ, LORENZO G. (2)

1. Universidade Federal do Espírito Santo. Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Av. Fernando Ferrari s/nº, *campus* de Goiabeiras, CEMUNI 3, Vitória - ES, 29060-900
joycezaninho@gmail.com

2. Universidade Federal do Espírito Santo. Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Av. Fernando Ferrari s/nº, *campus* de Goiabeiras, CEMUNI 3, Vitória - ES, 29060-900
lorenzo934@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo a análise das condições de conservação, documentação bem como a divulgação de material documental de obra de pouca notoriedade em contexto nacional. O objeto de estudo em questão trata-se do mural, em mosaico, do artista e professor Raphael Samú, aplicado em fachada do Edifício Christiano Woelffel Fraga, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Tal obra foi projetada e executada no período de 1975 a 1977 e possui destaque no contexto da Universidade. Desde sua implantação o mesmo é considerado o “cartão postal” desta, muito utilizado para representar a instituição em matérias jornalísticas, além de fazer parte da memória afetiva dos estudantes e frequentadores do campus. A importância atribuída ao mural, no entanto, não reflete na forma em que ele é tratado quando diz respeito à sua conservação e estado documental. Porém, percebe-se que esse descaso não é fato isolado, mas sim regra no que diz respeito às obras de arte e arquitetura produzidas no estado do Espírito Santo. A pesquisa bibliográfica, em conjunto, principalmente, com levantamentos e mapeamento de danos do mural, constitui o suporte metodológico deste trabalho. A análise referenciada permitiu identificar o estado de conservação do mural como precário, bem como apontar possíveis motivos de tal condição. Espera-se relacionar, diretamente, estado de conservação, volume documental correspondente disponível e destaque da obra em determinado contexto, de modo a evidenciar a importância de procedimentos de documentação como valioso subsídio de conservação de obras de arte e edifícios, especialmente em casos semelhantes ao objeto de estudo em questão. Ao final da análise, são propostas diretrizes, procedimentos e possíveis soluções visando o acréscimo qualitativo no processo de conservação da obra, além de reflexão sobre as limitações e possibilidades no que diz respeito às técnicas e tecnologias documentais disponíveis atualmente no meio acadêmico, tendo sempre como balizador o objeto de estudo. Espera-se, por fim, que os resultados apresentados contribuam como registro documental, fomentando o interesse pela conservação da obra, bem como incentivem discussões acerca das condições de documentação de obras de pouca notoriedade e as implicações ocasionadas por isso. Estes registros são de suma importância para que não ocorra o desaparecimento gradual da obra, seja pela dispersão do acervo, deterioração, demolições, alterações e/ou destruições parciais.

Palavras-chave: Documentação, conservação, mural da UFES, Raphael Samú, Edifício CWF.

V SEMINÁRIO IBERO-AMERICANO ARQUITETURA E DOCUMENTAÇÃO
BELO HORIZONTE – DE 24 A 26 DE Outubro de 2017

1. Introdução

Vitória, capital do Espírito Santo, é município principal da chamada Região Metropolitana da Grande Vitória, que conta ainda com os municípios de Vila Velha, Fundão, Serra, Cariacica, Viana e Guarapari. A capital abriga a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), criada oficialmente através da Lei nº 806 de 1954, ainda como uma instituição estadual, e federalizada em 1961, pela Lei nº 3.868 (INHAN et al, 2016).

Na década de 1960 ocorre solicitação ao MEC, pelo então reitor da universidade, de desapropriação de grande área na cidade, onde era localizado o então *Victoria Golf & Country Club*, para criação de um *campus* de dimensões adequadas, visto que, até então, a universidade era composta por diversas faculdades dispersas na cidade. Tal ação é concretizada no fim da década, já no reitorado de Alair de Queiroz Araújo (INHAN et al, 2016). A área, hoje em dia, corresponde ao principal *campus* da UFES, o de Goiabeiras, e é onde está localizado o objeto de estudo deste trabalho: o mural em mosaico, do artista Raphael Samú.

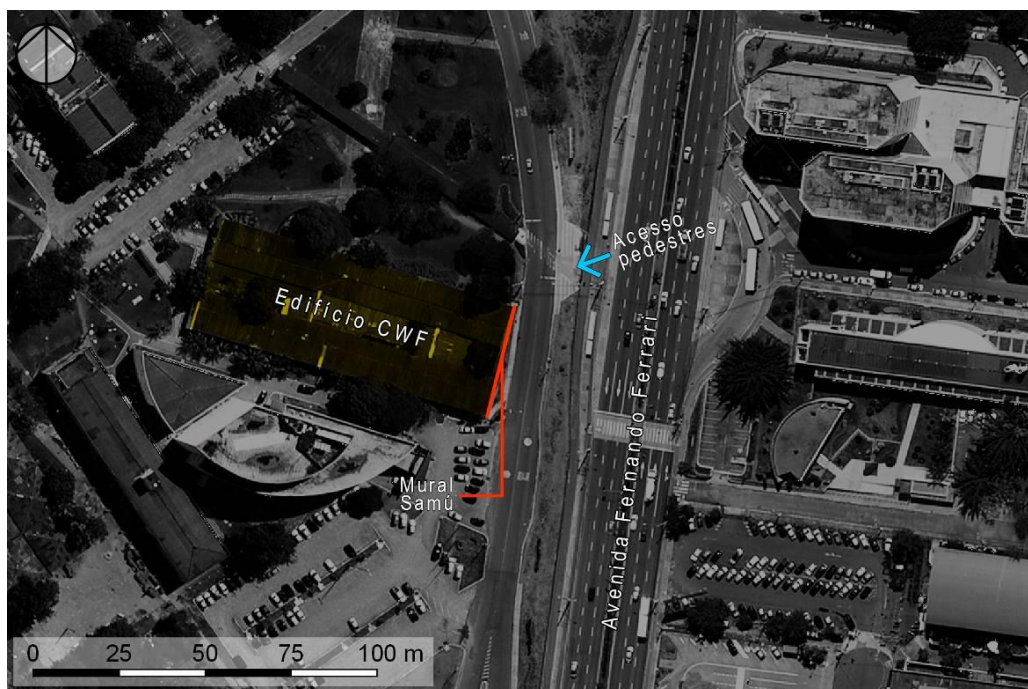


Imagem 01: Implantação do mural da UFES e sua relação com o entorno imediato. Fonte: Elaborado pelos autores a partir ortofotomosaico disponibilizado pelo Instituto Estadual do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (IEMA).

A obra está localizada na fachada leste do Edifício CWF, conhecido popularmente hoje em dia, devido a seu uso, como “Edifício da Prograd”, projetado pelo arquiteto Christiano Woelffel Fraga – cujas iniciais dão nome ao edifício – ainda no final da década de 1960. Trata-se da primeira obra edificada do *campus* (BORG, 2014), e cerca de uma década depois de sua conclusão, recebe em sua fachada leste o mural de Samú. O objetivo deste trabalho, portanto, centra-se na análise, com mapeamento de danos nunca antes feito, do mural e na relação contraditória de sua importância frente ao contexto no qual está inserido e seu precário estado de conservação. Tal mapeamento detalhado de danos no mural é realizado com o objetivo de servir como subsídio a possíveis futuras intervenções de restauro, além de servir como registro documental do estado atual de conservação da obra. Este, em conjunto com o trabalho como um todo, resulta de um recorte e aprofundamento de pesquisa realizada para a disciplina de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Espírito Santo.

A pesquisa foi iniciada a partir do levantamento de informações documentais existentes a respeito do Mural de Raphael Samú e do Edifício CWF. Foram buscadas fontes escritas, cartográficas e gráficas. Os materiais obtidos acerca da história e concepção mural se limitavam aos resultados da Dissertação de Mestrado em Artes da pesquisadora Marcela Belo Gonçalves, defendida em 2014, que faz um panorama acerca da obra de Raphael Samú e outros muralistas no Espírito Santo. Quanto ao Edifício CWF, o acervo documental disponível é ainda mais escasso, sendo o principal material obtido uma entrevista com o arquiteto Christiano Woelffel Fraga para o livro de comemoração dos 40 anos da UFES (BORG, 2014).

Quanto às fontes gráficas, algumas foram obtidas através do Acervo da Biblioteca Central da UFES e, em menor quantidade, na biblioteca do Instituto Jones dos Santos Neves. Este foi um importante passo, visto que foi possível fazer a comparação do estado do mural ao longo de sua história com a situação na qual este se apresenta atualmente, assim como o Edifício CWF.

Apesar da escassez, as informações encontradas foram valiosas para a compreensão desta obra em seu contexto e os reflexos disso na situação atual do mural da Universidade Federal do Espírito Santo.

2. Condição atual

O edifício e o mural estão localizados, como mencionado, no *campus* de Goiabeiras da Universidade Federal do Espírito Santo, margeando o anel viário em sua porção leste. O mural, especificamente, é visto como porta de entrada da universidade, considerando que é localizado em frente ao principal acesso de pedestres dos estudantes. Sua localização privilegiada é fatal para o edifício no qual está inserido. Este, escondido em meio ao protagonismo do mosaico, tem pouco destaque no contexto local, muito disto em virtude das diversas descaracterizações projetuais pelas quais passara.



Imagem 02: Mural da UFES atualmente. Fonte: Acervo dos autores.

Devido à presença constante do mural no cotidiano dos estudantes e frequentadores do *campus*, este se tornou uma obra fortemente presente na memória coletiva da população. Desta forma, é recorrente a utilização deste como representação da universidade em matérias jornalísticas e editoriais, por exemplo. Apesar de tanto destaque, o mesmo se encontra em precário estado de conservação, além de possuir poucos registros documentais, de modo geral, acerca de sua história.

Em artigos acadêmicos, o mesmo é objeto de discussão apenas em trabalhos de Marcela Belo Gonçalves (2012, 2014). Possui, além disso, uma ficha técnica, elaborada também pela autora, em posse do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN-ES). Na ficha, datada de 2014, o mural é classificado como em precário estado de conservação, e assim permanece até os dias de hoje.

3. Breve história da execução do mural

Tendo sua encomenda partida do então reitor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Maximo Borgo, o projeto do mural foi feito no decorrer de 1974 e sua execução concluída em 1977, dois anos depois do início da empreitada (GONÇALVES, 2012). A ideia de Borgo, que foi reitor da universidade no período de 1971 a 1975 era criar algo que retratasse a vida universitária capixaba, de modo a humanizar o *campus*, e surgira por influência de iniciativa tomada na Universidade Federal de Minas Gerais, neste mesmo sentido (GONÇALVES, 2012).



Imagem 03: Processo de execução do mural da Universidade Federal do Espírito Santo. Fonte: Acervo da Biblioteca Central da UFES.

Borgo delega a Raphael Samú a elaboração e confecção do mural, que aproveita a oportunidade, enquanto professor efetivo do Centro de Artes da mesma universidade, para ensinar a técnica de mosaico aos alunos, visto que era pouco conhecida na UFES até então (GONÇALVES, 2012). Dessa forma, como defendido por Gonçalves (2012), a elaboração do mural de forma didática se caracterizou como diretriz importante do projeto.

Em relação à composição do mural, Gonçalves (2012), descreve:

A intenção do artista foi mostrar a ficção antecipando a realidade: a leitura do mural feita da direita para a esquerda de quem vê dá uma noção de evolução científica. A primeira cena é a história em quadrinhos, de autoria de Alexander Raymond, que narra à saga de Flash Gordon, Dr. Hans Zarkov e Dale Arden a bordo de um foguete em direção ao planeta Mongo. A segunda cena retrata a chegada do homem à lua a bordo do módulo lunar. Na parte central do mural um

aluno utiliza um microscópio retratando a pesquisa acadêmica. (p.221)

A composição ainda contém um grupo de alunos trajando roupas da moda da época, e uma logomarca da UFES, na extrema direita do mural, que desde então é utilizada para representar a universidade, além de um cartão perfurado e computador da década de 1970 (GONÇALVES, 2012).

Em relação à elaboração do projeto, inicialmente foi feito um croqui na escala 1:10 em papel vegetal e quadriculando o desenho com formas de 5 cm de lado, que foi aprovado pelo reitor sem alterações. No projeto de execução, o quadriculado era de 31 cm, que correspondia a uma folha de papel cenário. O projeto foi ampliado para tamanho real através do aparelho epidiascópio – um tipo específico de projetor –, dividido em colunas e linhas, e montado sobre mesas modulares de 1,50 por 0,5 metro, confeccionadas especialmente para a ocasião, para depois ser montado no local escolhido: a lateral do edifício da então Biblioteca Central da UFES (GONÇALVES, 2012), que hoje é o já mencionado Edifício CWF. Raphael Samú aprovou a localização do mural, pois tinha boa visibilidade, no entanto, com algumas ressalvas: o artista achava que o terreno era muito instável – a universidade está implantada em terreno de mangue –, e o mural já começou a sofrer degradação desde sua finalização, que depois piorou principalmente devido à ampliação da Av. Fernando Ferrari, localizada próxima ao mural (GONÇALVES, 2012).

O mural de Raphael Samú se tornou, pela posição estratégica, na entrada principal de pedestres da universidade, símbolo marcante da UFES, e é utilizado constantemente para representá-la em matérias jornalísticas, peças publicitárias, entre outras. Dessa forma, a intenção de Borgo de implantar uma obra de arte que ajudasse a humanizar o *campus*, marcado pela estrita ortogonalidade de suas edificações, muitas ainda em construção, parece ter obtido êxito com o trabalho de Samú que, além disso, ajudou na constituição de uma identidade para a Universidade Federal do Espírito Santo.

4. Considerações sobre a necessidade de documentação

Quanto à necessidade do processo de documentação, Grigoletto e Murguia (2009) ressaltam que os registros e fundamentação documental são essenciais à composição da memória cultural da sociedade. Lefebvre, em seu curso sobre a historiografia moderna na Universidade Paris-Sorbonne, de 1945-46, dizia: “Não há notícia histórica sem documentos [...]. Pois se dos fatos históricos não foram registrados documentos, ou gravados ou escritos, aqueles fatos perderam-se” (apud Le Goff, 1994, p.539). Ainda na obra de Le Goff

(1994, p. 548), o autor expressa que o “[...] documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntaria ou involuntariamente – determinada imagem de si próprios”. Apesar do autor se referir a fatos históricos, o mesmo pode, respeitando as devidas especificidades, ser aplicado para obras de arte e arquitetura, visto que a ausência de documentação dificulta o conhecimento do objeto em questão, podendo ocasionar a subestimação da importância histórica, memorial e cultural da obra.

A documentação deve ser considerada tão importante quanto as ações de conservação física de obras de arte e arquitetura. Trata-se de uma ferramenta importante de preservação da memória e história; um testemunho da importância do objeto na sociedade. O cadastro documental permite uma leitura precisa da obra, servindo de embasamento para futuras ações de intervenção e restauro. O conhecimento acerca do conteúdo e importância histórica da obra também evita o desaparecimento gradual ou descaracterização da mesma. Em situações de perda parcial ou completa do objeto, a documentação cumpre o papel de registro histórico e memorial da existência da obra.

Além disso, o documento, como afirmado por Grigoletto e Murguía (2009), passou a ser objeto central e de extremo valor. Como exposto por Costa et al (2015, p.5), tal ferramenta não é apenas um registro, mas sim um “[...] instrumento que pode ser determinístico no ato de influenciar, e, conseqüentemente, determinar as vidas das pessoas ou suas relações sociais”. A ausência, ou a escassa quantidade, de documentação acerca destas obras pode gerar uma contínua perda da relação cultural que tais obras possuem com a região em que estão inseridas (COSTA et al, 2015).

Tratando especificamente da cidade onde o objeto de estudo está inserido, Vitória, percebe-se certa carência e, principalmente, dispersão, por diversos órgãos públicos, do acervo documental de obras de arte e arquitetura no geral, comprometendo o acesso à informação da sociedade. O mesmo se aplica tanto ao mural de Samú quanto ao edifício em que a obra está implantada.

A aparente falta de vínculo da sociedade com seu patrimônio edificado, em conjunto com a deficiente atuação de instituições públicas, tradicionalmente responsáveis pela documentação e preservação do patrimônio, contribuem para que exemplares importantes de arquitetura e arte sejam perdidos em nome do crescimento econômico, sem o devido reconhecimento do valor artístico, histórico e de rememoração existentes. Diversos murais de Raphael Samú no Espírito Santo, por exemplo, foram completamente perdidos ou alterados devido a demolições ou descaracterizações nas edificações em que estes

estavam implantados, principalmente aqueles em residências unifamiliares em áreas de grande valorização imobiliária. Exemplo disto é o mural executado no imóvel de Antonio Fragoso de Araújo. Executado em 1962, o mural foi demolido décadas depois em adaptação da edificação para se tornar um estabelecimento de uso comercial (GONÇALVES, 2014).

Devido à sua localização e proprietário, o mural da Universidade Federal do Espírito Santo não é diretamente atingido por esta situação, o que, entretanto, não impede que a obra seja negligenciada através de falta de ações de conservação e documentação. Outras obras de arte e arquitetura de semelhante valor técnico e estético presentes na UFES, como os edifícios da Biblioteca Central e da Administração Central (Reitoria), também são vítimas da falta de cuidados tanto com o objeto físico quanto informações documentais organizadas e acessíveis a respeito da obra, o que torna ainda mais árduo o reconhecimento do valor e evolução no tempo destas obras, além das próprias ações de conservação e restauro a serem realizadas.

5. Considerações metodológicas acerca do mapeamento

Existe uma gama de métodos eficazes e precisos para mapeamento e representação de patologias, como aqueles que utilizam ortofotografias, que são representações fotográficas em escala livre de erros e deformações, feitas por softwares e equipamentos especializados. Entretanto, devido ao caráter experimental do presente trabalho e a falta de acesso a tal tecnologia, utilizou-se recursos mais simples e acessíveis que obtivessem resultado aproximado, apesar das distorções ocorridas no processo.

No lugar da ortofotografia foram tomadas múltiplas imagens do mural, utilizadas como base do trabalho após processo de retificação e união das fotografias em *software* de edição de imagens. Uma deficiência deste método é que não existe a possibilidade de remover as distorções ocasionadas pela lente da câmera utilizada. Entretanto, o resultado foi satisfatório e suficiente para a aproximação inicial em questão. A imagem montada foi utilizada como base para a representação em vetor, através de *software* CAD, do mural para então serem mapeadas as patologias existentes no mesmo. Na imagem 04 é possível ver o resultado dos trabalhos de edição e representação.

Com isso, foi possível identificar as principais patologias que afligem o mural, os pontos mais críticos e especular, com base na pesquisa histórica e padrões encontrados, possíveis causas para estes danos.

Este mapeamento abre precedente para que outros mais precisos e embasados sejam realizados e haja o incentivo às ações de conservação e restauro do objeto físico, associando também a todo o levantamento documental realizado anteriormente.

6. Mapeamento de patologias

Assim como a representação, o mapeamento em si teve caráter experimental e não contou com testes mais profundos acerca da integridade do mural, principalmente no que diz respeito à estrutura de sustentação do mesmo. As patologias foram identificadas a partir de observação *in loco* e fotografias da obra.

É, portanto, uma análise feita com base no escasso material especificamente sobre o mural de Raphael Samú, e na interpretação histórica dos autores. Desta forma, alguns dos argumentos mencionados podem não serem totalmente precisos, mas, ainda assim, não deixam de ser valioso material, que se espera ser melhorado futuramente por interessados no objeto de estudo.

Em conjunto com o mapeamento, a ser exibido a seguir, buscou-se dissertar, também, sobre as possíveis razões para tais patologias. Observa-se, dessa forma, que muitas das principais patologias, e as mais graves no sentido estrutural, estão presentes desde os primeiros momentos, quando da construção da obra. São patologias que se relacionam tanto com o local implantado, bem como por ações externas decorrentes do processo de evolução urbana da cidade de Vitória.



Figura 04: Acima, montagem de fotografias do mural. Abaixo, representação vetorizada do mural e das patologias feitas a partir da fotomontagem. Fonte: Elaborado pelos autores.

Através do estudo e interpretação, duas origens principais das patologias foram identificadas: ação humana e comprometimento da estrutura. As patologias provenientes de ação humana são de fácil entendimento, no entanto, são difíceis de serem previstas ou inibidas, restando então a frequente observação e remoção delas. Já as patologias ocasionadas pelo comprometimento da estrutura exigem exames mais aprofundados para o entendimento da complexidade e intensidade do problema, para então haver propostas de ações de manutenção e restauro que sejam adequadas à situação. Pode-se concluir que as principais patologias encontradas, provenientes destas origens, foram o desprendimento de pastilhas, fissuras, fixação indevida de papéis e adesivos, pichações e instalações aparentes inadequadas, como demonstrado anteriormente na imagem 04.

Antes mesmo do início da elaboração do mosaico, a vedação escolhida – a fachada leste do edifício CWF anteriormente mencionada – já apresentava rachaduras, devido, principalmente, ao terreno em área de mangue, e, portanto, instável, onde ela se encontrava (GONÇALVES, 2012). Ainda assim foi aprovado o local por ser um ponto estratégico de visualização deste mural que se tornaria o símbolo da UFES.

O desprendimento das pastilhas do mural de Raphael Samú deriva de diversas causas e se trata de um problema existente desde a sua implantação, como mencionado, e que permanece até os dias de hoje. A instabilidade do terreno no qual a vedação com o mural aplicado se encontra, provoca rachaduras, devido à movimentação da estrutura, e faz com que as pastilhas das áreas afetadas se desprendam. No projeto e concepção da estrutura do Edifício CWF não havia sido prevista a fixação da obra de Raphael Samú. Deste modo, o peso próprio dos materiais utilizados na composição pode contribuir para a instabilidade da estrutura. Mesmo que ela não tenha ruído até então, é possível ver a manifestação desta falta de estabilidade a partir dos padrões de fissuras presentes no mural. Ademais, a já mencionada ampliação da Av. Fernando Ferrari, durante o seu período de execução, também influenciou nas fissuras da parede e conseqüente desprendimento de pastilhas, e atualmente, a vibração ocasionada pelo intenso fluxo de veículos na avenida também compromete a integridade do mural. Existem áreas no painel em que um agrupamento maior de pastilhas se perdeu, além das diversas perdas pontuais de pastilhas ao longo de todo o mural. Especula-se que não apenas a vibração já mencionada, mas também o desgaste do material de fixação utilizado, contribui para a manifestação de tal patologia.

Papéis e adesivos geralmente de cunho político e informativos são fixados com frequência em diversos pontos do mural. Pelo fato da obra, geralmente, não receber limpeza, estes papéis e adesivos permanecem fixados até que saiam naturalmente devido a ações de

intempéries, porém, alguns rastros destas colagens permanecem no mural por tempo indefinido. Em conjunto com estes elementos, as pichações também são danos ao mural ocasionados pelo homem, que no geral são intervenções pontuais de pequena escala. Tais marcas não costumam ser removidas através de limpeza, permanecendo no mural até que saiam naturalmente ao longo do tempo.

Cabe destacar outros fatores externos que colaboram com os problemas mencionados no mural. Tais fatores são, primeiramente, o paisagismo do entorno, que, aparentemente sem planejamento, é implantado de modo a ocultar certos elementos do mural, além dos automóveis. Estes últimos, mesmo sendo proibida a parada, se encontram sempre presentes em frente ao mural de Samú. Dessa forma, o conjunto destes fatores contribui para a constituição de um mural fracionado e nunca exposto em sua plenitude.

Foi executado projeto de iluminação para o destaque do mural no período da noite, entretanto, devido ao aparente descuido dos projetistas, foi realizada a implantação da tubulação na mesma vedação em que o mural é fixado. As luminárias inseridas obstruem a vista de trechos do mural, e, por menor que sejam, poluem a vista do painel. Além disso, as luminárias e tubulações presas à mesma vedação do mural resultam em fissuras e desprendimento de pastilhas, reduzindo ainda mais a integridade deste.

Além da necessidade de restauro do mural de Raphael Samú, seria ideal propor, também, ações de conservação do edifício no qual ele está contido. Como já mencionado, o Edifício CWF vem sofrendo diversas alterações desde a sua execução que descaracterizaram completamente a edificação, tornando-a quase irreconhecível se comparada à obra original. Ofuscado pelo mural e pelas mudanças que anularam, em grande parte, a qualidade arquitetônica antes existente, é necessário que o edifício passe por um processo de restauro com o objetivo de suprir as demandas de reforma existentes atualmente e, principalmente, recuperar elementos importantes para a compreensão desta arquitetura, reestabelecendo o equilíbrio que fora perdido ao longo dos quase 50 anos do edifício, bem como a relação entre o edifício e o mural, buscando a harmonia deste conjunto.

7. Considerações finais

O caso do mural de Raphael Samú é uma contradição: embora este seja utilizado constantemente para representar a imagem da Universidade Federal do Espírito Santo em, por exemplo, matérias jornalísticas, embora parte de sua composição tenha se tornado logomarca desta universidade e que, ao mesmo tempo, está fortemente presente no

cotidiano dos usuários do *campus*, o mural se encontra em precário estado de conservação, e não há nenhuma mobilização aparente nem planos agendados para melhoria desta situação. Este fato é preocupante, visto que a tendência é que a obra degrade ainda mais com o passar do tempo caso permaneça sem nenhuma intervenção.

A obra rui um pouco a cada dia, e as provas disso estão presentes logo abaixo do mural. Ao olhar com atenção ao gramado à sua frente, é possível ver pequenas pastilhas desprendidas do mural: testemunhos do estado renegado em que o painel se encontra e quase uma metáfora da situação das obras de arte e arquitetura representativas a nível estadual.

Percebe-se que a obra não recebe o merecido respeito, ou preocupação pelo seu estado precário, mesmo por parte dos usuários do campus, muitas vezes sendo utilizada como mural de aviso de eventos e outros informes, além de ser alvo de pichações sem critério. Estas atitudes ocorrem sem receber qualquer crítica, e nem mesmo a instituição responsável parece se importar em remover estas intervenções do mural, o que reforça ainda mais a ausência de preocupação das diversas instâncias da sociedade acerca da conservação de seu patrimônio artístico e cultural, resultando na perda gradativa de exemplares e reduzindo a possibilidade de recuperação destas obras.

Um fato que prova que esta situação de negligência, tanto na documentação quanto na conservação é o próprio Edifício CWF, onde a obra de Samú se encontra. Ele vem sendo alterado desde o momento de sua execução, ao ponto de que atualmente é praticamente irreconhecível se comparado à concepção original do arquiteto Christiano Woelffel Fraga.

Em níveis de especulação, muitos são os motivos possíveis a, no mínimo, contribuir para este estado da obra de Samú e pela falta de mobilização quanto ao problema. Pode-se argumentar que ocorre uma falta de interesse pela conservação da obra devido ao edifício em que o mural se encontra implantado. Este, devido a todos problemas mencionados quanto às descaraterizações que passara, possui hoje pouco destaque no contexto da universidade, o que colabora na falta de interesse pelo conjunto. Pode-se, também, culpar a constante – pode-se dizer quase eterna – presença de veículos parados ilegalmente na sua frente, dificultando a leitura completa da obra, e mesmo a má escolha do paisagismo do entorno. No entanto, tais argumentos estariam baseados em motivos para a não atuação dos órgãos responsáveis na conservação da obra, quando o esperado seria a atuação independente disso, considerando apenas o valor histórico do mural – e do edifício. Ou seja,

uma obra de um dos poucos muralistas capixabas de destaque, que está presente há mais de 40 anos neste *campus* da UFES e implantada na sua primeira edificação construída.

A ausência de documentação bem estruturada acerca do mural também contribui para a não atuação das instituições responsáveis pelo objeto físico, além da possibilidade de resultar em intervenções equivocadas, como o caso dos dutos de iluminação instalados na obra, ocasionando ainda mais patologias que reduzem a integridade do mural. Ademais, atualmente, pouco é feito para manter viva a história e memória da obra a partir de acervos documentais. Esta escassa quantidade de documentação acerca da obra pode gerar uma contínua perda da relação cultural entre o objeto e a região no qual ele está inserido, como afirmado por Costa et al (2015).

Este trabalho, por fim, não querendo ser uma solução, mas um testemunho da vontade de mobilização pela conservação da obra, mostra uma alternativa acessível no sentido de subsidiar ações de restauração de obras que não possuem uma agenda de restauração voltada para elas. A metodologia de mapeamento utilizada, exposta no item 5, mesmo não sendo livre de erros, pode ser de grande utilidade para futuros trabalhos do mesmo tipo. A simplicidade de materiais e técnicas utilizadas fazem com que tal meio de representação seja acessível a diversas camadas de pesquisadores. Além disso, a condição de registro documental a ser acrescido ao escasso material sobre o mural de Samú e, mais escasso ainda, do Edifício CWF, transforma este trabalho, mesmo, em um manifesto, necessário, pela conservação e documentação de obras de arte e arquitetura de pouca notoriedade em contexto nacional.

8. Referências bibliográficas

BORGIO, I. A.; UFES: 40 anos de história. 2ª ed. Vitória: EDUFES, 2014. 244 p.

COSTA, A. L.; CROCE, R.; GUALBERTO, L. B; MALTA, N. S. "Arquitetura modernista sem documentação: um caso para reconstituição". In: Anais do 4 Seminário Ibero-Americano Arquitetura e Documentação. Belo Horizonte, 2015.

GRIGOLETO, M.C.; MURGUIA, E.I. "O documento e seu valor patrimonial. Os processos de tombamento do museu histórico e pedagógico 'Prudente de Moraes'". In: Anais do X Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia. João pessoa. Ancib, 2009.

GONÇALVES, M. B.; Raphael Samú: Processo de Criação do 'Mural da UFES'. Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES, v.1, p. 1-14, 2012.

GONÇALVES, Marcela Belo. RAPHAEL SAMÚ: Experiências do muralismo no Espírito Santo. 2014. 349p. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

INHAN, G.; ALBERTO, K. C.; MIRANDA, C. L. Rudolph Atcon e o planejamento do campus da Universidade Federal do Espírito Santo. Oculum Ensaios, v. 13, p. 237-254, 2016.

KLUG, L. B. Vitória: sitio físico e paisagem. EDUFES: Vitória, 2009.

LE GOFF, J. História e Memória. 3ª edição. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994. 553p.

(/Home)

Anais do 5º Seminário Ibero-americano
Arquitetura e Documentação

O MURAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO: CONSERVAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO

Publicado em 15/06/2018 - ISSN: 2237-5619

f Compartilhar (<http://www.facebook.com/sharer/sharer.php?u=https://www.even3.com.br/anais/arqdoc/71376-o-mural-da-universidade-federal-do-espírito-santo--conservacao-e-documentacao/>)

t Tweet ([https://twitter.com/intent/tweet?text=Anais do 5º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação&url=https://www.even3.com.br/anais/arqdoc/71376-o-mural-da-universidade-federal-do-espírito-santo--conservacao-e-documentacao/&via=even3br](https://twitter.com/intent/tweet?text=Anais%20do%205%20Semin%C3%A1rio%20Ibero-americano%20Arquitetura%20e%20Documenta%C3%A7%C3%A3o&url=https://www.even3.com.br/anais/arqdoc/71376-o-mural-da-universidade-federal-do-esp%C3%ADrito-santo--conservacao-e-documentacao/&via=even3br))

[← Todos os Trabalhos](#)

[↓ Trabalho \(https://even3.blob.core.windows.net/anais/71376.pdf\)](https://even3.blob.core.windows.net/anais/71376.pdf)

Título do Trabalho

O MURAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO:
CONSERVAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO

Autores

- Joyce Zaninho
- Lorenzo Valfré

Modalidade

Artigo Completo

Área Temática

Eixo temático 1 – Arquitetura e documentação: os desafios das novas tecnologias

Data de Publicação

15/06/2018

País da Publicação

Brasil

Idioma da Publicação

Português

Página do Trabalho

www.even3.com.br/Anais/arqdoc/71376-O-MURAL-DA-UNIVERSIDADE-FEDERAL-DO-ESPIRITO-SANTO--CONSERVACAO-E-DOCUMENTACAO

ISSN

2237-5619

Título do Evento

5º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação

Cidade do Evento

Belo Horizonte

Título dos Anais do Evento

Anais do 5º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação

Nome da Editora

Even3

Meio de Divulgação

Meio Digital

Como citar

ZANINHO, Joyce; VALFRÉ, Lorenzo. O MURAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO: CONSERVAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO.. In: Anais do 5º Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação. Anais...Belo Horizonte(MG) UFMG, 2018. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/arqdoc/71376-O-MURAL-DA-UNIVERSIDADE-FEDERAL-DO-ESPIRITO-SANTO--CONSERVACAO-E-DOCUMENTACAO>>. Acesso em: 21/03/2021 00:39

Trabalho

■ ■ Ver documento

Even3
Publicações